

Pål H. Christiansen

Portuguese Version Translation test of the first
two chapters of...

Drømmer om Storhet
*Sonhos de Grandeza**

***Translated by IGOR F. BRITO PIRES, born in Belém-Pará-Brazil**

***Traduzido por IGOR F. BRITO PIRES, nascido em Belém-Pará-Brasil**

***«Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim de todos os sonhos do mundo.»***

ÁLVARO DE CAMPOS

CHAPTER I CAPÍTULO I

Alguns homens fazem muito caso ao fato de algumas mulheres precisarem de um pouco mais de tempo no banheiro pela manhã. Incitam-se num enorme furor de gritos ásperos e afrontas, seja pelo patrimônio pessoal, seja pela mobília. Porém há alguma vantagem em se livrar do impetuoso crepúsculo aos olhos da porta do banheiro ou ameaçar seguir em frente na esperança de reduzir o tempo gasto esperando? Isto não é só tornar pior as coisas e o tempo gasto esperando, bem mais difícil de suportar? Não, é melhor sentar-se e esperar até que ela fique pronta – não importa quanto tempo leve. Excetuando à escrita o norueguês gramaticalmente correto, esta é uma das coisas mais importantes que eu aprendi na vida.

Eu estava na cozinha da Helle, escutando ao som das tábuas correndo pelo banheiro. Apostaria meu dinheiro que ela estava na hora exata de passar o xampu em seu cabelo. Estava a entremear o líquido rejuvenescedor profundamente nas raízes. Logo depois, o enxaguaria, aplicando o bálsamo, e aí, o restante de seu corpo seria convidado ao mesmo processo de intensa purificação.

O relógio na parede marca oito e trinta. Helle estava em meio a um período muito hético. Ela planejava redecorar a cozinha. A geladeira fora movida do centro do piso junto às prateleiras de especiarias, um quadro de recados e uma reprodução de uma pintura de Gauguin representando uma mulher com uma criança em seus braços. O plano, como entendido, era pintar as paredes em verde e a cozinha restaurada a sua cor avermelhada original.

Há uma coisa que aprendi sobre as mulheres, pensei. Elas analisam cuidadosamente em como a vida poderia ser melhor após a redecoração. Essa vida seria mais uma vez cheia de perspectivas. A verdade é que só o trabalho austero te levará aos portais do firmamento.

Adentrei na sala de estar e fiquei estático em frente à prateleira de livros. A porta da varanda estava bem aberta e os sons da cidade planavam pelas ruas e crianças gritavam entre elas no caminho da escola dentro do bondinho que passara por ali, contrastando com o barulho do caminhão de lixo trasladando de casa em casa.

Há coisas muito boas que eu poderia dizer sobre Helle, mas quando se trata da sistemática da estante de livros, é um caso perdido. Por exemplo, bem na minha frente vi o livro *Zonas Erógenas na Idade Média* de um tal de Howard Humpelfinger. Eu não hesitaria em dizer que o editor havia feito um grande favor à humanidade se tivesse retirado de circulação e extinguido-lo. A obra estava repleta de erros ortográficos, praticamente ilegíveis. Helle o colocou próximo ao dicionário de Norueguês como se fosse a coisa mais natural do mundo, tal como a manteiga no pão, diametralmente contrastantes.

O dicionário de Norueguês *Riksmål* é uma ferramenta sublime. Nele encontra as respostas para cada pergunta com uma precisão e atenção à linguagem que chega a ser impetuosa. É certo que a versão que tirei da estante de Helle remontava ao ano de 1982, porém não era isso que importava. Não há danos de questões de caráter linguístico aos modelos anteriores. A ortografia de 1917 tem

muitos aspectos fascinantes, bem como há muito a se considerar a partir de 1907. Para antes disso, não ousaria me estender.

Sentei-me por um bom período no sofá, ocupando-me com as mais diversas definições e esclarecimentos, ao passo que Helle de ducha em ducha parecia que estava diante da eternidade, como se não houvesse o amanhã. Sempre gostei de palavras que descreviam com precisão um fenômeno, um ser ou um objeto, a exemplo, em norueguês, um GRÅTASS. GRÅTASS é como uma mistura de lobos de cor cinzenta. Veio-me a mente aqueles se entremeando na fronteira com a Suécia, à ermo, na apetência, procurando uma ovelha para abocanhá-la.

Escutei ao chuveiro ser desligado, silêncio por um instante. E agora? Estaria ela unguindo-se na essência daquele creme enigmático que eu gostava de sentir ao entrar em seu banheiro? Ou estaria no momento de escovar seus dentes? Levantei-me e dei alguns passos em direção ao banheiro.

A porta se abriu. Helle saiu com uma toalha enrolada na cintura, seu cabelo estava molhado. Branda e desavergonhada, ela caminhou pela sala de estar e, aparentemente, não percebeu que eu estava lá com o Dicionário de norueguês em mãos, uma expressão sonolenta no rosto. Fomos para cama na noite anterior após um jogo de Palavras-cruzadas, este resultando numa série de discussões interessantes a respeito da ortografia correta das palavras MENSENDIECK, PSORIASIS e ASSESSOR. Quanto à linguagem, Helle era uma das poucas pessoas no mundo em quem eu poderia confiar e com quem eu poderia realmente me aperfeiçoar.

Após ter ganhado o jogo com ajuda da palavra RAMMEANTENNE, terminamos a noite tomando Lumumba. Em seguida, nos colocamos em nossos devidos aposentos como duas crianças despreocupadas, entregues aos nossos sonhos.

“De FATO isto se chama RAMMEANTENNE,” eu disse.

Helle parou em frente à porta da varanda e se virou:

“Está dito aqui,” proclamei.

“Onde?” disse Helle.

“Uma RAMMEANTENNE é uma antena de rádio com fios esticados em um painel,” expliquei.

“Entendi,” replicou Helle.

Ela deixou cair a toalha. Naquele instante, uma brisa suave soprou as cortinas, esvoaçando-as como bandeiras sobre o chão. Com o vento, veio-me um lampejo de emoções: Helle estava desnuda e rindo. Olhei para seus seios. Eles oscilavam de tal forma como se quisessem partir e conquistar novos territórios. Fui até ela e abracei-a, sem se importar com a minha camisa branca toda encharcada. Era a mulher que eu amava.

O apartamento de Helle ficava no quarto andar e, enquanto vestia-se, fui até a varanda para apreciar a paisagem. Rua a baixo vinha o

caminhão de lixo e um homem vestido de laranja içando e esvaziando latas de lixo. Há algo familiar naquele homem, pensei, recurvou-se para vê-lo melhor, mas ele já tinha ido embora. Ser um gari é um ofício ultrajante. Todavia, ele te mantém em forma e o expediente termina cedo. Um sublime trabalho para um poeta, refleti.

Era o primeiro dia de setembro e toda porção leste da Noruega fora surpreendida por uma forte onda de calor. Aquilo não me convinha, porque aguardava pelo outono. Acabara de retomar os trabalhos num manuscrito que eu pusera veraz fé nele. Uma vez concluído, estaria diante de mim a vocação como literato. A mim restaria somente aperfeiçoá-lo, equiparando-o aos requisitos dos críticos midiáticos nacionais, de modo que não o fosse somente uma transitória impressão de pálpebras entreabertas. Mal esperava para terminar o trabalho no decurso do outono, onde os dias ficam mais sombrios e gélidos, restringindo as saídas ao ar livre, estas somente em último caso.

O outono era definitivamente minha estação. Um momento de reflexão. Um momento de ponderar os grandes questionamentos existenciais. De reiniciar aquilo que eu havia deixado pra trás, quando a primavera me prendeu em sua luz e ao cântico de seus pássaros. Quando escrevi meus melhores trabalhos que não fossem no outono? Sob a luz dispersa de minha velha luminária, vestindo um paletó caseiro, as palavras criavam asas, caindo como a chuva no asfalto escuro lá fora.

O bonde passara por mim, no momento que estávamos saindo. Aproveitei para acompanhar Helle até seu trabalho, e depois prosseguir a pé pela Slottsparken até a redação do jornal. Helle vestia aquele vestido florido que eu tanto gostava, com suas madeixas presas, lembrando mais do que nunca uma professora.

“O que vais lecionar hoje?” perguntei amistosamente, segurando a mão dela.

“Iambo e troqueu,” respondeu.

“Interessante,” exclamei, feliz em saber que os jovens ainda são introduzidos aos estudos das formas dos versos clássicos.

“Bem, isso depende dos olhos de quem vê”, enunciou Helle.

“E o Anapesto?” inquiri.

“Veremos isso depois,” disse Helle.

“Só com o Iambo demandaria quase toda uma vida,” finalizei.

Helle endireitou meu colarinho ao chegarmos ao portão da escola. Ela então me beijou e dirigiu-se ao pátio. Helle era uma professora popular, e muitos de seus pupilos a saudaram em sua chegada. Alguns garotos digladiaram-se numa briga tola para manter a porta aberta para ela entrar. No final alguns deles acabaram topando uns nos outros e a professora abriu a porta por ela mesma.

CHAPTER II CAPÍTULO II

Senti-me linguisticamente tão sagaz após o jogo de Palavras-cruzadas na noite preliminar, que imediatamente fui para minha mesa assim que cheguei ao jornal. Quatro ou cinco já haviam sido finalizados e comecei a trabalhar num artigo sobre a vida noturna em Oslo escrito por um experiente jornalista, reconhecido pela jactância de jamais ter empreendido um erro sequer.

Uma vez ou outra, todos nós cometemos erros. Não seria algo humano não cometer um rele erro, esquecer uma palavra no meio do caminho, um conector, ou permutar dois caracteres, ao passo que BRANSJE (Indústria) pode tornar-se BRASJNE, assim como GANG (vez, momento) verter-se-ia à GNAG. Este é um lapso comum no dia-a-dia de um jornalista deveras ocupado, não havendo razão para constrangimento algum. "Aprendemos com nossos erros," costumava Holm lembrar-nos, sempre que tínhamos um seminário. Mas se não aprenderes com teus erros, não irás tão longe.

Não importava quão cuidadosamente tenha lido o artigo, não encontrava erro algum, exceto duas palavras. Ao invés de OM KVELDEN (à noite) estava escrito OMKVELDEN. Não era um erro linguístico em si, talvez tivesse sido um problema no teclado ou mesmo uma inquietação de um décimo de segundo.

O próximo artigo era sobre a banda a-ha, o qual celebraria seus talentos numa tentativa de trazer de volta aos eixos o sucesso do grupo, após anos os membros engajados em seus projetos solo. Morten Harket como solista na música, Magne Furuholmen nas artes visuais e compositor de trilhas de filmes e Pål Waaktaar-Savoy com a banda Savoy, montada junto com sua esposa.

Esta fora uma boa notícia, tanto para mim quanto para o mundo como um todo. Quantas vezes eu escutava a música pop melancólica e sofisticada do a-ha enquanto escrevia? Quantas vezes me esforçava um pouco mais, sempre que Morten, Magne e Pål vinham à mente. a-ha era uma de minhas bandas prediletas e uma força positiva para a cultura norueguesa e internacional. Apesar de tudo, de todo o ardor do trabalho, do declínio dos recordes de vendas, era uma notícia que merecia espaço na coluna do jornal.

O artigo não se detinha em quem tinha feito o quê ou quem teria brigado com quem durante os anos anteriores. Mas não era segredo que a relação entre Morten Harket e Pål Waaktaar tenha sido tensa durante certo período. Eram pessoas de duas personalidades fortes ao ponto de colidirem opiniões divergentes. Ainda assim, era gratificante aquilo que celebravam entre eles. Era algo muito além de cabeças divergentes. Um novo álbum estava por vir.

O jornalista havia escrito por vezes o nome da banda com e sem o hífen, o corrigi, enviei meu artigo de volta para a mesa e decidi escutar meus discos na primeira oportunidade.

Na hora do almoço fui até a cantina comer alguma coisa. Holm, o redator, estava conversando na mesa da janela com alguns jornalistas da edição de reportagem. Surpreendeu-me, porque o

normal era ele desaparecer durante aquela estação e estar jogando golfe.

Andei em círculos por alguns instantes até decidir-me o que comeria no almoço. Havia muito de tentador para escolher e eu não era inclinado para legumes e verduras, então, antes do fim do almoço, optei por um queijo quente e uma xícara de café.

Holm e os outros dois que estavam com ele lançaram os olhos sobre mim ao sair do refeitório. Tinha o sentimento de que haviam falado de mim, e eu conversando com meus botões, se eu deveria dar meia volta ou dirigir-me a eles e discutir sobre o caso Hubbing. Contudo, abortei a ideia e voltei para minha mesa. Logo que entrei em minha sala, saboreei sozinho meu almoço enquanto tentava lembrar o título de um poema de Olaf Bull. A primeira estrofe era algo como:

*Do verão revela-se o outono,
Da copa das árvores surge seu esplendor
Ó, o outono brada sua voz
Antes que os ramos da mata dourem*

Pensei que o poema estivesse na coleção de Bull chamada *Stjernene* (As Estrelas) de 1924, mas não tinha certeza. Bem provável que fosse também dos *Nye Digte* (Novos Poemas) lançado em 1913, onde era possível encontrar também "*I sneen*" (Na Neve). No final das contas, acabei ligando para o celular de Helle, porém ela não respondia. Deixei uma mensagem de voz, na esperança dela me ligar assim que se desocupasse.

Sentado, eu terminara de almoçar, depositando em meu romance meus pensamentos. O prelúdio estava muito bom, seguindo em próspero tom: o protagonista regressa após uma longa viagem pelo deserto e descobre que algo não transcorria muito bem. Todos os pássaros haviam desaparecido. Seu jardim silencia; nem mesmo um pardal pipilando. Ele sobe numa árvore em busca de respostas sobre o que está a acontecer, porém nem um pássaro a vista. Nem em seu jardim, nem mesmo no dos vizinhos. Ele permanece lá sentado na árvore por todo o dia, descera somente no cair da noite, estando ele decidido a dedicar sua vida a persuadir os pássaros a regressarem.

O próximo artigo a ser checado era o editorial. Fora escrito por Holm e depreendeu-se no caso Hubbing. Nele, Holm questionou a segurança nacional e o papel da imprensa. O fato dele ter concluído o editorial tão prematuramente durante o dia, dava a entender que ele queria logo ir embora. Indubitavelmente, por isso, havia um certo número de erros ortográficos, tais como: RETTSSSTAT ao invés de RETTSTAT (estado de direito), ou em SAMFNNET ao invés de SAMFUNNET (sociedade). Percebi também pelo menos uma preposição ausente. O que ele queria na verdade, como se diria na terminologia do Golfe, era um Ace. Não tive tempo refletir sobre o conteúdo do artigo, por outro lado, eu ficaria sentado lá pelo resto do dia.

Helle me ligou logo após o almoço.

"*Sommerens Forlis,*" disse ela. "Está na obra *Nye Digte.*"

"Caramba!," exclamei. "Tinha certeza de que estava em *Stjernerne.*"

"Tens certeza de que não estás confundindo com *I høsten*?" Helle perguntou.

"Provavelmente," eu disse. "Ao menos lembrei como era o primeiro verso."

"É um poema bem triste," Helle concluiu.